

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O CURTAS VILA DO CONDE
16 de outubro de 2020

ELO / 2020

Realização: Alexandra Ramires / **Argumento:** Alexandra Ramires (Xá), Regina Guimarães / **Edição:** Alexandra Ramires (Xá), David Doutel, Vasco Sá / **Som:** Jérôme Petit / **Música:** Nicolas Tricot / **Animação:** Dimitri Mihajlovic, Inês Teixeira, Laura Gonçalves, Vitor Hugo Rocha. **Produção:** David Doutel, Rodrigo Areias - Bando à Parte; Laurence Reymond - Providences (Portugal/França) / **Cópia:** DCP, cor, 11 minutos.

Uma certa noite, o encontro entre um homem com uma cabeça pequena num corpo grande e uma mulher com uma cabeça grande num corpo pequeno ajuda-os a vencer os medos e a aceitar os seus "defeitos" como sensibilidades singulares. Depois da promissora estreia no Curtas com "Água Mole" (2017), corealizado com Laura Gonçalves, Alexandra Ramires (Xá) volta a Vila do Conde com "Elo", uma viagem melancólica e poética sobre o medo e a descoberta que conta com a parceria criativa de Regina Guimarães no argumento. Sem diálogos, a narrativa constrói-se sobretudo com os elementos visuais palpitantes e vibrantes da gravura animada de Alexandra Ramires e com as ambiências sonoras imersivas e emotivas de Nicolas Tricot (música) e Jérôme Petit (desenho de som), que criam uma obra tão simples quanto sensível e humana, uma verdadeira ode à solidariedade e à tolerância. (Paulo Cunha, Curtas Vila do Conde)

SOUTH / 2020

Realização: Morgan Quaintance / **Argumento:** Morgan Quaintance / **Fotografia:** Morgan Quaintance / **Edição:** Morgan Quaintance / **Som:** Morgan Quaintance / **Actores:** Barbara Van Praag, Christabel Gurney, Lela Kogbari, Hy Thurman, Peggy Terry (voice). **Produção:** Morgan Quaintance (Reino Unido) / **Cópia:** DCP, cor, legendado em português, 28 minutos.

Justapondo de forma complexa imagens analógicas (em papel e em película de 16 mm) e imagens digitais (Google Street View), com uma montagem sensitiva, "South" parte do exemplo de dois movimentos de libertação antirracistas e antiautoritários que se desenvolveram em comunidades do sul de Londres e do sul de Chicago, mas não deixa de fazer referências simbólicas ao "sul global", nomeadamente ao retrocesso sulista nos Estados Unidos da América ou ao ignóbil regime do "apartheid" na África do Sul. Intercalando estas imagens com momentos mais pessoais do seu próprio percurso, dado que viveu em Londres e em Chicago, Morgan Quaintance propõe uma reflexão sobre o poder da voz individual e da voz coletiva nas sociedades contemporâneas, mas também sobre a importância da mobilização cívica e da expressão artística como meios para a transformação da história e da sociedade.

Esta obra marca também a estreia no Curtas de Quaintance, um artista radicado em Londres que tem marcado presença em diversos festivais de cinema internacionais. (Paulo Cunha, Curtas Vila do Conde)

PHYSIQUE DE LA TRISTESSE / 2019

Realização: Theodore Ushev / **Argumento:** Theodore Ushev / **Fotografia:** Theodore Ushev / **Edição:** Theodore Ushev / **Som:** Olivier Calvert / **Animação:** Theodore Ushev / **Actores:** (voice) Rossif Sutherland.

Produção: Marc Bertrand - National Film Board (Canadá) / **Cópia:** DCP, cor, legendado em português, 27 minutos.

Animador prolífico e genial, e uma presença habitual na programação do Curtas desde 2006, com nove dos seus trabalhos exibidos, Theodore Ushev presenteia-nos este ano com um filme inspirado no livro com o mesmo título, "The Physics of Sorrow" de Georgi Gospodinov, o mesmo autor que inspirou a sua obra anterior "Blind Vaysha", exibido também em Vila do Conde. Através de pintura encáustica animada, uma técnica nunca utilizada em cinema, que mistura cera de abelhas e pigmentos, usada no antigo Egito para retratar os seus mortos mais notáveis, Ushev oferece-nos o seu próprio labirinto existencial - assumindo-se, ele também, como uma versão do próprio Gospodinov - numa incursão cativante e pessoal sobre a tristeza, a perda e o abandono. Num turbilhão de memórias, arquivos, coleções, autorreflexões, experiências e emoções, "A anatomia da tristeza" mostra-nos, através de um poderoso traço expressionista, que todos os seres humanos são um repositório potencialmente ilimitado de experiências vividas, um arquivo universal dos sentidos e da história, uma cápsula do tempo de resíduos desordenados do passado e recontextualizações inesperadas e desorientadoras, em direção a algum núcleo de verdade. Porque, como diz o narrador do filme, "nada é tão estéril quanto o esquecimento". (Salette Ramalho, Curtas Vila do Conde)